

A guerra de narrativas



Gaudêncio Torquato (*)

A liberdade é o oxigênio da democracia. Sem ela, as nações são jogadas nos braços das ditaduras e da opressão.

Mas os cidadãos desconfiam quando o conceito é usado de má fé ou com o propósito de mascarar posicionamentos. Veja-se o que o governo tem dito sobre a vacina contra a Covid 19, cujo processo de finalização mobiliza equipes científicas e laboratórios em muitos países, e a previsível adesão em massa dos brasileiros.

Porta-vozes salientam que ela não será obrigatória porque no Brasil não há um tirano e a liberdade é valor central de nossa democracia.

A observação seria pertinente caso não fosse embalada por um viés anticientífico, desses, por exemplo, usados por adeptos de certas religiões, que não permitem crianças com leucemia aguda ou mesmo pessoas idosas, com pneumonia grave, tomarem transfusão de sangue. Orientam seus filiados a não adotar procedimentos da ciência. Por que a publicidade exagerada que o governo está dando a esse fato, quando se sabe que mais de 90% da população brasileira garantem que tomarão a vacina?

Lembremos que, mesmo antes da pandemia, já tomava corpo no país um movimento antivacina, que tem propiciado a volta de epidemias de doenças já erradicadas, como febre amarela e sarampo, fenômeno que também ocorre nos Estados Unidos. Propaga-se um falso temor de que vacina pode provocar a doença em vez de curar. Por aqui, viceja nas hostes governamentais uma corrente anticência, de índole fortemente conservadora que, como num cabo de guerra, tenta puxar o território ao passado.

É exatamente na direção oposta aos avanços da medicina e da biotecnologia que grupos incrustados na malha governamental constroem sua narrativa, como se observa na categórica afirmação de que a cura da pandemia é coisa simples, bastando a automedicação de cloroquina. O fato é que o Brasil vive o auge de uma guerra de narrativas. Do campo da ciência, os jogos contrários resvalam para os comportamentos, para a economia e para a política.

A guerra no território da expressão deixa atônitos seus próprios protagonistas. Por falta de uma orientação segura sobre os rumos a seguir, batem boca pela imprensa ou em lives, a nova mania nacional. Resta dizer que o próprio mandatário-mor tem sido responsável por parcela dos litígios.

defende a reabertura das escolas e outro sugere cautela na volta das aulas. Autoridades da Educação opinam sobre a matéria e o que se ouve mais parece um falatório na Torre de Babel. Por que não se chega a um consenso? Onde se escondeu o bom senso?

Na área da economia, as narrativas conflituosas nascem no próprio seio do governo. Uma defende o programa Renda Brasil, a consolidação das ações de proteção social, mas o desacordo é oceânico entre a equipe econômica e outros times ministeriais, que combatem o teto de gastos, meta-síntese do ministro Paulo Guedes. O orçamento irrealista, segundo economistas, ameaça romper o teto, mas o governo se empenha para usar R\$ 1,2 bilhão fora dele.

O presidente, embalado no apoio popular que passa a ter no Nordeste, depois do pior desempenho em 2018, queria continuar com um auxílio emergencial de R\$ 600 até o fim de ano. Chegou-se ao meio termo de R\$ 300. Mas se a economia não pegar no tranco em 2021, como as margens protegidas reagirão a eventual diminuição de seus recursos?

A reforma administrativa, que o governo encaminha ao Parlamento, abrangerá apenas os futuros servidores sob a cama da estabilidade ou pegará todo mundo? A reforma propõe corte de vantagens, como concessão de licença-prêmio e gratificação por tempo de serviço, facilita demissões durante o período de experiência, reduz o salário inicial, entre outros aspectos.

Grupos se engalfinham e a área política, com um olho nas eleições deste ano e na de 2022, tende a aprovar uma reforma mais suave, que menos danos traga ao servidor público. A base governista começa a ser composta na Câmara com a adesão do PP e outras agremiações, mas persiste a dúvida sobre a lealdade parlamentar.

No campo do ambientalismo, as narrativas entram em luta aberta. De um lado, o ministro Ricardo Salles e apoiadores que acendem o fogo na floresta amazônica, na outra ponta, a comunidade salvacionista, sob o eco de governos estrangeiros, luta pela preservação da região, enquanto no meio, o vice-presidente general Hamilton Mourão tenta equilibrar o jogo.

A guerra no território da expressão deixa atônitos seus próprios protagonistas. Por falta de uma orientação segura sobre os rumos a seguir, batem boca pela imprensa ou em lives, a nova mania nacional. Resta dizer que o próprio mandatário-mor tem sido responsável por parcela dos litígios.

(*) - Jornalista, é professor titular da USP, consultor político e de comunicação
Twitter@gaudtorquato. Acesse o blog (www.observatoriopolitico.org).

A pandemia e o reflexo das ações pessoais nas imagens corporativas

Todas as experiências vividas nesse ano atípico (2020) nos trazem memórias recentes de acertos e equívocos praticados pelos empresários brasileiros. Sendo assim, convido você a resgatar alguns exemplos vivenciados nesses quase seis meses de isolamento social

Achilles Batista Ferreira Junior (*)

Começamos a linha do tempo em terras tupiniquins, fevereiro de 2020, quando foram tomadas as primeiras atitudes em relação à COVID-19, no momento em que começam a ser repatriados brasileiros que estavam na cidade chinesa de Wuhan, local do epicentro da infecção.

Pois bem, logo depois, em março, começamos a verificar ações pontuais em todos os estados brasileiros, nas quais se observavam empresas enviando colaboradores para casa, primeiramente selecionados por faixas de idade, alguns com problemas de saúde ou com algum indício de mal-estar e começava assim, no primeiro trimestre de 2020, a trajetória das ações relacionadas à pandemia que culminou em um avanço na prática do home office até a forma como vivemos nos dias de hoje.

Já que estamos resgatando memórias, convido você a relembrar alguns clássicos de ações e declarações feitas por personagens ligados ao mundo corporativo quando se começou a falar e evidenciar-se que o isolamento social seria um caminho adequado para conter a pandemia que se tornava cada dia mais temerosa.

Vale ressaltar que talvez movido pelo desejo de ser ouvido, ou mesmo em busca de algum tipo de repercussão, creio



Achilles Batista Ferreira Junior



que poucos desses imaginariam que simples declarações poderiam impactar nos negócios os quais representavam.

Além dos conhecidos casos de declarações pessoais que sofreram com repúdio dos internautas, dentre os quais podemos destacar, Roberto Justus, Alexandre Guerra e Luciano Hang, cabe destacar como forma de exemplificação no texto, o caso do super respeitado empresário do setor de alimentos, conhecido por ser um ícone na área, Junior Durski, que declarou na internet que o Brasil não deveria parar por 5.000 ou 7.000 mortes e mesmo alegando que o prejuízo seria maior em caso de isolamento social e fechamento temporário do comércio, o mesmo não encontrou no momento vivido pelo país uma receptividade positiva em seus argumentos e viu tempos depois suas vendas despencarem devido à pandemia, conforme ele mesmo havia destacado.

Porém, houve uma grande repercussão negativa em relação à sua forma de pensar nas redes sociais, fortalecendo a máxima destacada por Cris Anderson em sua obra "A cauda longa" de que as "as formigas têm megafones", ou seja, vivemos tempos nos quais todos tem acesso à manifestação de opinião e isso deve ser tratado de forma profissional e nunca de forma tempestiva e emocional como foi apresentada no episódio em destaque.

O resultado foi catastrófico para a imagem da rede Madero que está inti-

mamente ligada ao nome do empresário e que teve sua imagem prejudicada ainda mais em seguida ao ser noticiado que a referida rede fez o desligamento de 600 colaboradores devido à pandemia, ou seja, mesmo que o discurso do empresário tenha lógica para muitos, o momento não foi adequado e isso refletiu em resultados de mercado e perda de competitividade na área de atuação da marca.

A pergunta que fica para reflexão é a seguinte:

Até que ponto a pessoa física pode se manifestar publicamente e qual a relação dessa opinião com a marca com a qual possui algum tipo de vínculo?

Passados quase seis meses de isolamento é possível ter uma opinião mais formada e justificar que a parcimônia é uma dádiva no mundo corporativo, ou seja, a reflexão e atenção à repercussão são quesitos básicos em tempos de tecnologia democrática e nervos inflamados.

De tudo isso é possível ter certeza de uma coisa, o empreendedor brasileiro tem se mostrado um verdadeiro Prof. Pardal com novas fórmulas e reinvenções que surgem a cada dia dando provas que somos um povo determinado, criativo, resiliente e muito forte.

(*) É coordenador dos cursos de Marketing e Marketing Digital do Centro Universitário Internacional Uninter.

News @TI

Thiago Nigro lança "PrimoCast Startups" em parceria com João Kepler

@Na última quinta-feira (3), Thiago Nigro lançou mais uma série em seu "PrimoCast", o podcast oficial do Primo Rico, um dos maiores canais sobre investimentos, finanças e empreendedorismo do mundo. O conteúdo deste mês é em parceria com João Kepler, um investidor anjo de startups e diretor da Bossa Nova Investimentos. A ideia é que, em cada programa, Thiago receba fundadores de startups para que eles contem sobre a trajetória deles, desde a ideia do negócio até a captação de investidores. Com best seller "Do Mil ao Milhão - sem cortar o cafezinho", Thiago tem o objetivo de ensinar aos ouvintes neste episódio: como começar uma startup, como atrair investidores para sua startup e como escolher boas startups para se investir e afirma: "Apesar da internet ser um oceano de conhecimento e do universo das empresas "Startups" estar cada vez maior - com várias brasileiras se tornando os chamados "unicórnios" -, quando olhamos os conteúdos relacionados a esse mundo, ainda há muito a ser descoberto."

Centro universitário oferece 19 cursos gratuitos e disponíveis para todo o país

@O Centro Universitário Internacional Uninter em parceria com o Instituto Wilson Pieler, criou 19 cursos gratuitos, abertos ao público e de fácil acesso para todo o Brasil. Os profissionais de saúde e de serviços essenciais têm à disposição os cursos de Emergências Respiratórias, Bases Legais do SUS, Boas Práticas no Atendimento Farmacêutico, Manipulação de Alimentos e Prevenção e Convivência com o novo Coronavírus. Os pais que estão trabalhando em home office

e estão sem ideias de como distrair os filhos, podem se inscrever no de Jogos e Brincadeiras na alfabetização ou ainda no de Contação de histórias. Empresários e empreendedores também têm opções e podem aprender tudo sobre Técnicas de Negociação e Segurança Executiva. A lista completa com os 18 cursos e as inscrições estão neste link <https://www.uninter.com/extensao/gratuitos/>.

WOW abre inscrições para nova turma de startups

@A WOW, maior aceleradora independente do país, anuncia a abertura de inscrições para a 18ª rodada de seu programa de aceleração para startups. Empreendedores de todas as regiões e segmentos têm até o dia 29 de setembro para se inscrever por meio do site <https://www.wow.ac/inscricao-batch18/>. As selecionadas receberão investimentos R\$ 200 mil (growth stage) e R\$ 80 mil (early stage), além de todo o processo de mentoria 1-on-1 em produto, marketing, vendas e gestão, networking com investidores, consultorias em marketing digital, vendas e UX, workshops e acesso a produtos e serviços, como ferramentas de CRM, hospedagem na nuvem e pagamentos, ajudando-os a focarem nas prioridades para alavancar os negócios. A cessão de equity é de 8%. Os investidores, que também são mentores, buscam por empresas de base tecnológica com a perspectiva de crescimento rápido e escalável, apresentando uma solução inovadora para uma demanda do mercado. São aceitas startups iniciantes e consolidadas, com ou sem receita. A WOW conta com uma rede de 220 investidores. A aceleradora manteve os aportes em startups brasileiras mesmo durante a pandemia e é uma das incubadoras nacionais que apostam em startups em estágio inicial, ou seja, que já desenvolveram protótipo mas ainda não começaram a gerar receita.

ricardosouza@netjen.com.br